

AUGUSTO: José Amaro. José Amaro, me conta, por favor, a história do seu irmão.

JOSÉ AMARO: Olha, o Pedro, Pedro Pescador, desde pequeno, ele já tinha uns gostos, assim... Bom, ele, quando ouvia falar nesses estudantes que enfrentavam a polícia nas grandes cidades e ele morando na beira do rio, pescador, aquilo, o sangue dele fervia, acho que ele já começou por aí, essa militância. E...

AUGUSTO: Ele morava na região das ligas camponesas?

JOSÉ AMARO: Sim, porque tudo ali é pertinho, por exemplo, aonde tinha o garimpo e aonde as pessoas tinham as terras para plantar, cedidas pelo Randolpho, dá questão de 1km de distância, então era tudo no bolo ali. Mas o papai, ele morava na beira do rio mais, ele plantava e tal, os coronéis... Os fazendeiros não deixam plantar.

AUGUSTO: O seu pai morava numa terra que foi delimitada pelo Randolpho?

JOSÉ AMARO: Isso.

AUGUSTO: E seu irmão morava nessa mesma terra?

JOSÉ AMARO: Sim, sim. Só que o Pedro, meu irmão, eu não acredito que ele tenha sido assassinado por causa da lei camponesa, nada não. Na verdade ele era um militante, ele exercia, ele não era um líder político, mas ele exercia uma liderança instintiva, né, ele liderava do ponto de vista assim, ele tinha coragem de enfrentar, de ir pros confrontos assim, e as pessoas quando vê alguém assim, às vezes não tem coragem de ir, então tinha ele como líder, mas ele não era um líder, assim, formalizado. E ele pescava pra sobreviver, né, ele era um pescador. Papai gostava de plantar, pescar e essas coisas pra sobreviver, mas o Pedro, ele era mais da pescaria. E nessa época, estavam, eles tinham acabado de construir a hidrelétrica aqui na beira do rio São Francisco, e tinha um confronto do latifúndio, que as pessoas corriam do campo com medo do chumbo do latifúndio, porque atirava mesmo, matava mesmo, mortes a todo instante, e corria pra beira do rio. Chegando lá na beira do rio pra se esconder, pra sobreviver, a polícia, o exército, a Ditadura, enfim, aquele bojo todo, já escoraçava o pessoal da beira do rio. Especificamente, pontualmente na beira desse rio São Francisco é porque tava construindo hidrelétrica, e falavam que era área de segurança nacional, aí o pescador ficava sem onde esconder. E o Pedro, como ele tinha essa liderança entre os pescadores, ele não fez nenhum manifesto, nenhum estatuto, não registrou nenhum movimento, exercia uma liderança. E eu acho que por causa disso, ele pescando lá, as polícias atiravam em todo mundo e em uma dessas noites atirou nele e matou, e ele desceu na canoinha, o outro pulou na água, veio nadando, e ele veio morto. E como está na foto, no final de 71, foi mais ou menos assim. E ele, com 21 anos, foi impressionante, que tinha os pescadores, eles arranjaram caminhões pra trazer os moradores dali, que os moradores da beira

do rio, os pescadores e familiares dos pescadores, trazer todo mundo pro cemitério. E a gente achava interessante, 71 eu devia ter uns 10 anos, tinha carro já entrando na cidade e ainda tinha carro saindo de lá, porque tinha muito turista na beira do rio. Papai mexia com, gostava de receber os turistas pra gente fazer guia turísticos, né. Remava com os pescadores e tal. E tinha muito turista lá, e os turistas vieram também. Ah, e outra coisa interessante: tinha um jornalista na época aí, publicou uma matéria, essa matéria no jornal Estado de Minas, ele chamava Onofre Miranda, cê ouviu falar no Onofre Miranda?

AUGUSTO: Não.

JOSÉ AMARO: Se ocê olhar no jornal Estado de Minas, cê vai ver esse jornalista, ele tá velho hoje.

AUGUSTO: Na data em que, sobre a morte do seu irmão?

JOSÉ AMARO: Ele estava aí e ele escreveu um artigo, ele escreveu um livro que chama: “Truco, vale seis”, que ele escrevia coisas da beira do rio, esse Onofre Miranda, e ele escreveu uma matéria no jornal, a gente tinha esse recorte do jornal Estado de Minas, de 71.

AUGUSTO: Mas ele escreve isso logo após a morte?

JOSÉ AMARO: Isso.

AUGUSTO: Que dia que seu irmão foi assassinado?

JOSÉ AMARO: Eu tenho os documentos lá, mas eu, de cor eu não sei. Não sei.

AUGUSTO: Então o livro “Truco, seis”, relata...

JOSÉ AMARO: “Truco, vale seis”.

AUGUSTO: “Truco, vale seis”.

JOSÉ AMARO: É.

AUGUSTO: Ele relata esse fato?

JOSÉ AMARO: Isso.

AUGUSTO: E como é que chama o autor do livro?

JOSÉ AMARO: Onofre Miranda. Só uma observação: a gente achou superinteressante, a gente gostou muito do Onofre Miranda ter escrito isso, agora, ele fez do ponto de vista literário, e não sei se foi de propósito, o escritor cria, né? Ele, porque eu tenho dois irmãos, todos dois foram atirados, em datas diferentes. Só que o que morreu foi o Pedro, e ele trocou, ele pôs que foi o Edmar, mas o Edmar não morreu. Então essa observação. Mas...

AUGUSTO: Foi à noite que ele foi assassinado?

JOSÉ AMARO: De madrugada, de madrugada.

AUGUSTO: Era comum ir pescar de madrugada?

JOSÉ AMARO: Todo pescador só pesca de madrugada, o profissional. O amador, turista, pesca de dia. O profissional, isso é de praxe, é hábito, pesca de madrugada, chega seis horas da manhã, vai limpar os peixes, vender e depois dorme um pouquinho e depois vai lá pra debaixo da ponte tecer, remendar e conversar, contar como que escapou dos tiros, como que escapou da repressão. E muitos pescadores sumiam, desapareciam, inclusive o meu pai, e quando procuravam por eles, eles estavam presos na cadeia da satélite, que é perto da hidrelétrica.

AUGUSTO: Porquê que você acha que seu pai foi preso?

JOSÉ AMARO: Eu acho, pelo que o papai contava, as pessoas contavam e pelo que pesquisei pra escrever o livro, é porque o papai, os dois companheiros de pescaria dele, ele tinha outros, Domingo Broca também, mas os dois que mais pescavam com ele era o Raimundo Barrigada e o Raimundo Linguíça. E o Raimundo Linguíça havia sido preso, já tinha sido preso com o Randolpho, e os militares ligaram uma coisa com a outra: companheiro de pescaria do Raimundo Linguíça, Raimundo Linguíça foi preso com Randolpho, então ele deve pertencer à Liga campestre. E na verdade papai tinha carteirinha, só que papai ganhou um pedacinho de terra lá pra plantar, mas os coronéis não deixavam, o Coronel Neném não deixava e perseguiu até! Cercou nossa casa de muro, aí os turistas derrubaram o muro. Não, primeiro foi de arame farpado, cortaram o arame ao longo dos meses, não foi cortou de uma vez. Depois murou nossa casa, cercou de muro, nós ficamos isolados. Tinha tipo um muro, as muralhas da China, o muro de Berlim. E depois, com o tempo, foi derrubando o muro. Então eu acho que era por causa disso.

AUGUSTO: O muro era pra vocês não terem acesso ao rio?

JOSÉ AMARO: Ao rio. Não, ao rio podia ter acesso, não podia ter acesso...

AUGUSTO: às terras dele?

JOSÉ AMARO: À civilização, porque a hidrelétrica era assim... Tinha os vigilantes da hidrelétrica, não deixava passar pra lá. Aqui, do lado de cima do rio, tinha, sem ser na margem, do lado de cima tinha a casa grande do coronel, quer dizer, não tinha jeito de passar pra cima. E eles fez o muro do lado de cá, do lado de baixo, então a gente ficou num quadrado, isolado.

AUGUSTO: Só tinha acesso ao rio?

JOSÉ AMARO: Só tinha acesso ao rio. E o muro ia até ali no rio. A gente tinha acesso, tinha que passar de canoa pra gente ir estudar. Então foi por causa disso. E eu acho que a morte, a prisão do papai com certeza foi por causa que eles achavam que papai pertencia ao Randolpho, que era companheiro do Randolpho. Não era, papai não tinha muita ideologia política. Papai queria tratar da família, um cantinho pra plantar. Papai não sabia ler, né. Já meu irmão, eu acho que foi porque ele tinha uma liderança. Naquela época todo mundo que exercia uma liderança, ou de fato ou por

ser um líder nato, na verdade o meu irmão só gostava de Raul Seixas, os Beatles e os Rolling Stones, só. E isso, isso era mal visto, né. E apesar, e além dele andar com muitos pescadores do lado e exercer uma certa liderança, naquele tempo tudo que tinha uma certa liderança era...

AUGUSTO: Mal visto.

JOSÉ AMARO: Taxado de subversivo, não encaixava. Então por isso que eu acho que ele foi assassinado.

AUGUSTO: Obrigado.

JOSÉ AMARO: Nada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A minha participação nesse documentário vai ser minha voz gravada lá da matéria que eu fiz, porque nas demais, o depoimento deles que é importante.

AUGUSTO: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí vai iniciar...

AUGUSTO: Ah, com...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com o rádio falando, eu chamando a matéria, eu falando sobre o acontecido.

AUGUSTO: Deixa eu ir no banheiro aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esqueci o seu nome.

AUGUSTO: Augusto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Augusto Lopes. O que aconteceu? Em 95...

AUGUSTO: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu estava no fórum, servindo no fórum, sou servidor público aqui. E aí me veio uma solicitação do Tribunal de Justiça, escuta aqui, Amaro, pedindo pra levantar as histórias da época de JK. Aí o juiz me chamou, falou assim: "você vai lá pro arquivo morto, faz essa pesquisa pra gente". E aí eu fui pro arquivo morto, fiquei lá uns dois meses dentro do arquivo, uma salinha escura e tal, e aí eu achei o processo do seu irmão.

JOSÉ AMARO: Ah!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O processo do seu irmão, ele existe ainda. E pode ser até desarquivado.

JOSÉ AMARO: Naquele tempo foi marcado pra ter esse julgamento umas seis vezes e não teve! O juiz dava dor de barriga...

AUGUSTO: E não teve ou teve?

JOSÉ AMARO: Não teve.

AUGUSTO: No fim teve?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve, foi absolvido. Sabe qual foi a tese da...

JOSÉ AMARO: Sei que teve umas seis vezes...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da defesa? Que o segurança não atirou no Pedro Amaro, ele atirou na água, e um físico alemão provou que a bala quicou na água várias vezes e acertou nele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Oh trem bem construído!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Essa defesa é bonita!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Um físico alemão, a CEMIG contratou, eu lembro que o processo com aqueles volumes, com aqueles desenho...

JOSÉ AMARO: Mas então significa que se essa tese da água cair por terra, é crime então?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se cair?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque ele podia ter dito uma outra coisa. Podia ter dito que ele tava tentando matar um passarinho, ou podia ter dito que ele assustou, não é? Mas se ele fundamentou em cima dessa tese e essa tese cair, aí fica provado que é crime.

JOSÉ AMARO: Quando o senhor atirou na água, o senhor queria acertar o que? Um peixe?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas é interessante essa...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquele moço, pai do Wanderluci, ele era segurança na época?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quem atirou, é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, quem atirou foi o Teixeira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teixeira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Apelido é Treteira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sabe por quê? Eu falei desse assunto aqui (trecho incompreensível) não gostou, (trecho incompreensível) mal estar no dia que eu falei (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então quem atirou era um militar?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era o segurança da...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas ele era policial. Mas ele trabalhava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque ali era área da segurança nacional na época, não era isso?

JOSÉ AMARO: Era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então era militar. E ele era natural daqui?

JOSÉ AMARO: Não sei de onde ele era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Olha, teve uma outra história muito interessante, que eu desarquivando lá eu achei, quando ali na construção da hidrelétrica, teve um rapaz que foi trabalhar na (trecho incompreensível), foi demitido, no dia que foi demitido ele roubou um rádio. Um rádio, pôs na sacola e aí aqui levava de carro até Corinto e Corinto pegava um trem e ia pro Rio de Janeiro, estação de trem em Corinto. E aí logo eles descobriram aqui, passaram um rádio pra Corinto e prendeu ele...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No meio do caminho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, no meio do caminho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com o rádio na bolsa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O rádio na bolsa. Foi preso. Ele era descendente de alemão, aí a Gestapo, né, era unida com a polícia de Vargas, né, Manoel? Manoel vai saber falar melhor disso. Eu sei que...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, isso é na época do Vargas?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Vargas, 54?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 54 ele morreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então 53, 52, cê vê que já tinha, já tava construindo aí. E aí esse rapaz foi preso (trecho incompreensível) alemão, e aí foi preso e não conseguiram soltar ele. E aí, me contaram aquela história lá do pichador preso, e aí as cartas chegaram do pai, da mãe pra ele, mas até as cartas tinham que passar pela...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pela censura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, pela censura. E aí como as cartas eram em alemão, aí o juiz teve que contratar um tradutor. E aí foi aquela luta, que não soltava o rapaz, não por causa do furto do rádio, mas por causa dele ser alemão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha problema, quem era alemão...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nazista, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pai e a mãe morreu, vieram para o Brasil pra acompanhar o filho. Ele ficou quase cinco anos na cadeia por causa desse rádio. Quando soltaram ele o pai e a mãe já eram mortos. O processo foi aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas eu tava contando para você (trecho incompreensível) os pichadores foram condenados a nove anos de cadeia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque essa condenação tão pesada assim? Crime hediondo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi assim, é, como eles, porque o crime de pichação só dá direito a prestar serviço, então os caras ficam putos com isso e sabe que pôr a mão num pichador, ele vai ter que prestar um serviço, pagar quinhentos conto, três cesta básica e ele volta pro picho de novo. Então eles pensaram: “o quê que eu faço?”, né? Eles pensaram o seguinte: eu tenho que enquadrar o cara em outra coisa. Então enquadraram ele numa lei de meio ambiente, pegaram um negócio de meio ambiente, pra igreja da Pampulha; formação de quadrilha, porque o cara tava... Você é artista plástico, cê vive com quem? Cê vive no meio artístico, né. O cara é pichador, ele vive onde? Ele vive no meio de pichadores! Formação de quadrilha? Foi formação de quadrilha, ah! Apologia ao crime, enquadraram os cara num monte de coisa!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acompanhei esses três casos aí que ele acompanhou, inclusive você me deu notícia eu achei muito boa, por sinal, porque o camarada, rapaz, o crime dele que levou ele pra trás das grades há mais de um ano, foi uma pichação, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que de tão grave assim ficar mantendo uma pessoa na cadeia? (Trecho incompreensível) foi solto ontem, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi solto ontem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E preso com a benção da igreja, né? O bispo patrocinou a prisão deles.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Achei estranho foi isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O cara da igreja foi esse que foi solto ontem, que eu não sei em que situação que ele foi solto. Aquele outro que foi solto e foi preso, foi o cara que pichou a biblioteca pública. Ele pichou a biblioteca pública, o gordão, na hora que eles foram lá ver, a polícia foi lá ver, o funcionário da biblioteca pública, com sabão, já tinha limpado tudo! E esse cara pegou 9 anos, e esse cara...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Voltou pra cadeia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Voltou pra cadeia. Então, eles, o que a gente tá achando, tem um promotor, não sei se é promotor, tem um cara em Belo Horizonte...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É promotor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Invocado!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tô acompanhando isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Invocado com esse negócio da pichação, e ele fica...



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na igreja tem a benção do bispo. Eu vi lá o bispo pedindo o rigor da lei, a igreja comprou as tinta e exigiu...